

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Comércio Bilateral Brasil-China

Eduardo Palma de Seixas

Nº de Matrícula: 0115959-7

Orientadora: Eliane Gottlieb

Junho de 2006

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

INDÍCE

1	Introdução.....	p.5
2	Um Panorama da Economia Chinesa.....	p.8
3	A China na Economia Mundial.....	p.12
	3.1 Comércio externo chinês pré-reforma.....	p.12
	3.2 Reforma do comercio externo chinês.....	p.12
	3.3 Investimento direto estrangeiro.....	p.16
4	Comércio Brasil-China.....	p.17
	4.1 Exportações brasileiras.....	p.20
	4.2 Importações brasileiras.....	p.22
5	Vantagens Comparativas.....	p.23
	5.1 Modelo Ricardiano.....	p.25
	5.2 Modelo de Hecksher-Olin.....	p.27
6	Barreiras ao Comércio Bilateral.....	p.32
7	Novas Oportunidades de Comércio.....	p.37
8	Conclusão.....	p.41
9	Bibliografia.....	p.43

TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 2.1: Taxas de crescimento do PIB chinês.....	p.9
Tabela 3.1: Balança comercial chinesa, 1979-2005 (em US\$ bilhões).....	p.13
Tabela 3.2: Cinco maiores parceiros comerciais da China em 2004 (US\$ bilhões).....	p.14
Tabela 3.3: Principais itens da pauta de exportações da China (1995-2002).....	p.15
Tabela 3.4: Principais itens da pauta de importações da China (1995-2002).....	p.16
Tabela 4.1: Peso do comércio Brasil-China nas pautas dos dois países.....	p.18
Tabela 4.2: Expansão do comércio Brasil-China.....	p.18
Gráfico 4.1: Evolução do comércio Brasil-China (US\$ milhões).....	p.19
Tabela 4.3: Peso de cada tipo de produto na pauta de exportação pra China e na pauta de exportação global.....	p.20
Tabela 4.4: Valor e peso dos principais produtos na pauta de exportação (2005).....	p.21
Tabela 4.5: Valor e peso dos principais produtos na pauta de importação (2005).....	p.22
Tabela 5.1: Mudanças hipotéticas de produção.....	p.24
Gráfico 5.1: Fronteiras de possibilidade de produção.....	p.26
Tabela 6.1: Tarifas de importações- Brasil e China.....	p.34
Gráfico 6.1: Subsídio interno.....	p.36

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Poucos países têm se destacado tanto no cenário internacional quanto a China. Desde a adoção do “socialismo com características chinesas” e as reformas econômicas de 1978 por Deng Xiaoping, o país tem crescido a taxas surpreendentes. No período de 1979 até 2005, a China tem observado um crescimento anual médio do PIB real de 9.6%¹, tornando-se a quarta maior economia do mundo com um PIB de US\$ 2,23 trilhões em 2005.² Porém, quando ajustado por paridade de poder de compra, a China é a segunda maior economia atrás apenas dos Estados Unidos.³ Com uma população de 1,3 bilhão de pessoas, isto é, mais de 20% da população mundial e uma população ativa de mais de 750 milhões de pessoas, temos aí o maior mercado consumidor do planeta.

A China está cada vez mais inserida no comércio internacional, com este desempenhando um grande papel em sua economia. Em 1980 a participação chinesa nas exportações mundiais era de 0,96%. Em 2003 este número havia saltado para 5,86%. Um movimento similar pôde ser observado nas importações. Nos dez anos entre 1992 e 2002, as exportações passaram de US\$ 85 bilhões para US\$ 326 bilhões, um aumento de 283%. No mesmo período as importações passaram de US\$ 81 bilhões para US\$ 295 bilhões com um aumento de 266%.⁴ Em 2005, esses números já deram um outro salto. Exportações alcançaram um valor de US\$ 762 bilhões enquanto as importações chegaram a US\$ 660 bilhões, gerando um resultado positivo de US\$ 102 bilhões na balança comercial chinesa. A China é agora o terceiro país com maior peso no comércio internacional, superada somente pela Alemanha e os Estados Unidos.⁵

O crescimento da economia chinesa terá profundos impactos sobre a economia mundial, mas alguns efeitos de menor escala já podem ser observados inclusive sobre a economia brasileira, explicando o crescente interesse do Brasil pela China. O comércio bilateral entre os dois países tem crescido significativamente desde 2000. Durante muitos anos, a China respondeu por não mais de 2% do total das exportações brasileiras. Em 2001 esse valor já era de 3.27% e em 2003, este número atingiu um pico de 6.2%. No mesmo

¹ MORRISON, Wayne M. **China's Economic Conditions**. CRS Issue Brief for Congress.

² **China's economy grew by 9.9% in 2005**. People's Daily Online, 26 de janeiro de 2006.

Página na Internet: http://english.people.com.cn/200601/26/eng20060126_238491.html

³ PUGA, Fernando Pimentel, et al. **O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento**. BNDES, Texto para discussão N°104.

⁴ Ibid.

⁵ MORRISON, Wayne M. **China's Economic Conditions**. CRS Issue Brief for Congress.

período, importações provenientes da China passaram de 2% em 2000 para 4.5% do total das importações brasileiras. Em 2003 a corrente comercial Brasil-China era de US\$ 6,6 bilhões, fazendo da China o terceiro maior parceiro comercial do Brasil, sendo os EUA e a Argentina os dois primeiros.⁶ Esta posição tem se mantido e em 2005 a balança comercial Brasil-China atingiu um novo recorde de US\$ 12,1 bilhões, com uma participação chinesa nas exportações brasileiras de 5,78%. Comparado com os US\$ 9,1 bilhões da corrente comercial em 2004, observou-se um aumento do comércio-bilateral de 33%.⁷

Tendo em vista a possibilidade de que, em algumas décadas, a economia chinesa se torne a maior do mundo, superando até mesmo a economia americana⁸, pode-se concluir que o Brasil precisa aumentar seu grau de integração com o gigante asiático. Com ambos os países se beneficiando de vantagens comparativas em certos bens, a corrente comercial entre os dois deverá crescer, principalmente quando se leva em conta o voraz apetite chinês por matérias-primas e alimentos.

Além de uma análise da pauta de exportações dos dois países, o conceito de vantagens comparativas será estudado, devido a sua importância no que tange ao comércio internacional. Para tanto, deve-se examinar a literatura clássica sobre o tema, incluindo não somente uma discussão sobre os modelos Ricardiano e de Heckscher-Ohlin, como também uma discussão sobre barreiras ao comércio internacional, sejam elas tarifárias ou não tarifárias. Conseqüentemente, serão analisadas quais são as dificuldades que ambos os países enfrentam em seu comércio bilateral. Deve-se também examinar se o comércio entre os dois países realmente segue o conceito de vantagens comparativas e se existe a possibilidade de ampliar o leque de produtos comerciáveis entre os dois países utilizando este conceito. Seria de interesse determinar se o aumento recente nas exportações brasileiras para a China baseia-se em um aumento da competitividade brasileira nos seus produtos exportados para a China, ou se depende puramente da dinâmica das importações chinesas.

⁶ **Características e possibilidades de incremento do comércio bilateral Brasil-China.** CNI.

⁷ **Brasil-China: balança comercial de 2005 ultrapassa os US\$ 12 bilhões.** Notícia da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE) em 18 de janeiro de 2006. Página na Internet: <http://www.cbcd.org.br/pt/noticia/noticia.php?newsid=01086>

⁸ WILSON, Dominic; PURUSHOTHAMAN, Roopa. **Dreaming with BRICs: The path to 2050.** Goldman Sachs, Global Economics Paper N°99.

Atenção também será dada ao crescimento econômico chinês desde as reformas econômicas e a abertura comercial do país a partir do final da década de 70. Foram essas reformas que possibilitaram o país a crescer a uma taxa de mais de 9% ao ano nas últimas décadas e que levaram a diversos países a reconhecerem a China como uma economia de mercado, não esquecendo também do ingresso da China na OMC em 2001, após 15 anos de negociações.

CAPÍTULO 2: UM PANORAMA DA ECONOMIA CHINESA

A China é hoje a quarta maior economia do mundo, tendo superado o Reino Unido e a França em 2005 com um PIB de US\$ 2,23 trilhões e crescimento de 9,9% no mesmo ano.⁹ Quando ajustado por paridade de poder de compra, a economia chinesa se torna a segunda maior, atrás apenas da economia americana.¹⁰ Analistas prevêem um crescimento de 8,5% a mais de 10% para 2006. Essas taxas de crescimento são maiores do que as da maioria de outros países. No entanto, as taxas chinesas ainda estão próximas do crescimento potencial do país. Isto significa que essa trajetória de crescimento ainda pode ser mantida durante mais algum tempo sem correr o risco de haver problemas macroeconômicos como alta inflação.¹¹

Essas elevadas taxas de crescimento não são um fato recente. De 1979 a 2005 o PIB real chinês tem crescido a uma taxa média anual de 9,6%.¹² Foram as reformas econômicas adotadas a partir de 1978 por Deng Xiaoping e seu programa de “socialismo com características chinesas” que possibilitaram esse surto produtivo. A China pré-1978 havia testemunhado crescimento anual de 6%, embora tenha enfrentado séria turbulência ao longo do caminho. Já a China pós-1978 tem tido altas e baixas menos dolorosas, e em alguns anos a economia chegou a crescer mais de 13%.

⁹ **China's economy grew by 9.9% in 2005.** People's Daily Online, 26 de janeiro de 2006.

¹⁰ PUGA, Fernando Pimentel, et al. **O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento.** BNDES, Texto para discussão N°104.

¹¹ **China's economy grew by 9.9% in 2005.** People's Daily Online, 26 de janeiro de 2006.

¹² MORRISON, Wayne M. **China's Economic Conditions.** CRS Issue Brief for Congress.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento do PIB chinês

Período	Média anual de crescimento (%)
1960-1978 (pré-reforma)	5,3
1979-2005 (pós-reforma)	9,6
1990	3,8
1991	9,3
1992	14,2
1993	14,0
1994	13,1
1995	10,9
1996	10,0
1997	9,3
1998	7,8
1999	7,6
2000	8,4
2001	8,3
2002	9,1
2003	10,0
2004	10,1
2005	9,9

Fonte: CRS Issue Brief for Congress

Até 1979 a China tinha uma economia de planejamento central. O estado determinava objetivos de produção, controlava preços e alocava recursos conforme julgava necessário. Na década de 50 todas as fazendas sofreram uma coletivização e se transformaram em grandes comunas. Para atingir uma rápida industrialização, o governo central fez grandes investimentos no capital físico e humano durante as décadas de 60 e 70. O resultado foi que em 1978, ¾ da produção industrial foi produzido por estatais controladas pelo governo central de acordo com objetivos de produção determinados pelo governo. A presença de empresas privadas e estrangeiras era insignificante. Um dos objetivos centrais do governo era fazer da China uma economia auto-suficiente. O comércio externo serviria apenas para suprir o que não podia ser produzido internamente.

O objetivo da reforma econômica era gerar um excedente grande o suficiente para financiar a modernização da economia chinesa. Nem a economia planejada socialista nem a tentativa de Mao com seu “Grande Salto Para Frente” e o sistema de comunas na agricultura haviam criado um excedente grande o suficiente para estes fins.

Em 1979 Deng aboliu o sistema de comunas rurais e introduziu um sistema de “responsabilidade familiar” no setor agrícola. Aos fazendeiros foram alocadas terras de propriedade pública para que eles atingissem uma determinada quota de produção. Em retorno, os fazendeiros foram dados completa autonomia de trabalho e o direito de vender seu excedente em mercados privados.

Antes da reforma a maioria das *commodities* no mercado chinês tinham seus preços fixados pelo estado. Com a reforma e a abertura econômica, o estado tem efetuado reformas nos mecanismos de preços, com os mecanismos de oferta e demanda se transformando cada vez mais nos determinantes de preço. Até 1999, o controle de preços de 95% dos bens de consumo e 80% dos bens de capital havia sido relaxado.¹³

Em 1980 o governo estabeleceu quatro Zonas Econômicas Especiais (ZEE) em Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen, sendo estas direcionadas quase que exclusivamente para exportação. O governo encorajou a promoção de *joint-ventures* e cooperativas sino-estrangeiras. A partir de 1986 passou a encorajar a presença de empresas 100% estrangeiras. Restrições sobre investimento direto e indireto foram removidas e tarifas sobre bens de capital e produtos primários importados foram relaxadas. O sucesso das ZEEs levou a criação de uma quinta ZEE na província de Hainan em 1988. “Em 1984 a China abriu 14 cidades costeiras e em 1985 listou as cidades ao longo dos Rios Yangtze e Pearl como áreas econômicas abertas, formando um “cinturão costeiro”... Desde 1992, o governo chinês abriu diversas cidades, 15 zonas alfandegárias, 47 zonas de desenvolvimento econômico e tecnológico e 53 zonas de desenvolvimento tecnológico em cidades de grande e médio porte. Cada uma das áreas adota políticas preferenciais e tem uma série de “janelas para o desenvolvimento” do setor exportador, gerando ganhos em divisas e importando tecnologias avançadas.”¹⁴ Como uma medida dos sucesso das ZEEs, em março de 2006 as reservas internacionais da China haviam acumulado US\$875,1 bilhões, superando o Japão como o país com as maiores reservas.¹⁵

A abertura comercial chinesa tem promovido o desenvolvimento de seu comércio externo e em 2001 a China ingressou na OMC. Em termos de comércio externo (exportações + importações) a China ocupava a 32^a posição em 1978. Hoje ela ocupa a 3^a posição, com a Alemanha e os EUA ocupando a 1^a e 2^a posição respectivamente.¹⁶

Um fato importante sobre a economia chinesa é a composição do crescimento do PIB. A literatura sobre o desenvolvimento econômico destaca a importância da acumulação

¹³ <http://www.asia-planet.net/china/introduction.htm>

¹⁴ PUGA, Fernando Pimentel, et al. **O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento**. BNDES, Texto para discussão N°104.

¹⁵ MOREIRA, Assis. **Asiáticos iniciam diversificação**. Valor Econômico, 8 de maio de 2006.

¹⁶ MORRISON, Wayne M. **China's Economic Conditions**. CRS Issue Brief for Congress.

de capital para o crescimento econômico. De fato, uma parcela significativa deste recente crescimento pode ser atribuída a investimentos em bens de capital que tornaram o país mais produtivo. O alto nível de acumulação de capital tem sido possível graças à elevada taxa de poupança da China, uma das mais altas do mundo. Em 1979 esta era de 32%, tendo aumentado para 49% em 2004.¹⁷ No entanto, enquanto o estoque de capital cresceu a uma taxa média anual de 7% entre 1979-94, a razão capital-produto permaneceu inalterada. No período pré-1978, a formação bruta de capital foi responsável por 65% do crescimento enquanto a mão-de-obra, um recurso abundante na China, foi responsável por 17% do crescimento. Porém, no período pós-1978, juntos esses dois fatores só responderam por 58% do crescimento. Com o aumento de produtividade explicando os outros 42% do crescimento, conclui-se que este foi a força-motor do boom econômico chinês.¹⁸

Diversos analistas apontam para a possibilidade da China manter elevadas taxas de crescimento por mais duas décadas. Um recente *paper* divulgado pelo banco de investimento Goldman Sachs¹⁹ relata que em 2041, a China poderia vir a ser a maior economia do mundo, superando os EUA. A China faria parte de um grupo conhecido como os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China). Juntas, as economias dos BRICs seriam maiores do que o G6 a partir de 2039. Caso isso se torne uma realidade, as dez maiores economias do mundo (medido pelo PIB) não serão as mais ricas (medido por PIB *per capita*). Conseqüentemente, as escolhas estratégicas de empresas se tornarão mais complexas. Os autores apontam o Brasil como o país que mais tem que implementar mudanças estruturais para alcançar de fato o crescimento previsto. O Brasil precisa abrir mais sua economia, aumentar a taxa de poupança e reduzir sua dívida pública e externa. Em todos esses requisitos a China é superior ao Brasil.

¹⁷ MORRISON, Wayne M. **China's Economic Conditions**. CRS Issue Brief for Congress.

¹⁸ HU, Zuli; Khan, Mohsin S. **Why Is China Growing So Fast?** IMF, Economic Issues 8.

¹⁹ WILSON, Dominic; PURUSHOTHAMAN, Roopa. **Dreaming with BRICs: The path to 2050**. Goldman Sachs, Global Economics Paper N°99.

CAPÍTULO 3: A CHINA NA ECONOMIA MUNDIAL

3.1 Comércio externo chinês pré-reforma

O comércio externo chinês pré-reforma era dominado por uma dúzia de corporações estrangeiras de comércio (*Foreign Trade Corporations* – FTCs) com um monopólio na exportação e importação de seus respectivos bens. Os volumes planejados de importação eram determinados pelo governo com base na diferença esperada entre demanda e oferta doméstica para certos produtos. Já o volume de exportações era determinado pela necessidade de financiar as importações planejadas.

Uma característica interessante do comércio pré-reforma é a importância limitada dos instrumentos convencionais da política comercial como as tarifas, quotas e licenças. Mecanismos baseados em preços como as tarifas não eram importantes já que o sistema de planejamento era baseado em decisões de quantidade ao invés de respostas de comportamento à mudanças de preços. Não havia muita necessidade de quotas ou licenças uma vez que as quantidades a serem importadas podiam ser controladas através do monopólio das FTCs.²⁰ Como a principal função das importações era satisfazer o excesso de demanda doméstica, as FTCs as vezes tinham que adquirir as importações a preços de mercado internacional e depois vendê-las a preços domésticos subsidiados, resultando em grandes perdas para as FTCs. Em 1986 essas perdas chegaram a representar 2% do PIB chinês.²¹

3.2 Reforma do comércio externo chinês

A abertura comercial chinesa para o resto do mundo ocorreu de forma planejada e gradual. A reforma do comércio exterior chinês teve quatro dimensões: aumentar o número de companhias capacitadas para o comércio externo para além da pequena quantidade de FTCs; desenvolver os instrumentos indiretos de política comercial como tarifas, quotas e

²⁰ IANCHOVICHINA, Elena; MARTIN, Will. **Trade Liberalization in China's Accession to the World Trade Organization**. World Bank.

²¹ CERRA, Valerie; DAYAL-GULATI, Anuradha. **China's Trade Flows-Changing Price Sensitivities and the Reform Process**. IMF, Working Paper N°99/1.

licenças; reduzir e por fim remover as distorções cambiais; e formular preços para que esses pudessem ter um papel mais ativo na alocação de recursos.²²

Um outro componente das reformas foi a descentralização das atividades comerciais e o aumento dos incentivos econômicos oferecidos às empresas envolvidas no comércio externo. O número de empresas com permissão para conduzirem comércio com o exterior aumentou de uma dúzia de estatais no final da década de 70, para dezenas de milhares hoje em dia, muitas das quais não são controladas pelo governo.

Conforme visto anteriormente, o governo chinês estabeleceu cinco Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) e outras áreas costeiras destinadas à exportação ao longo da década de 80 e início dos anos 90. Devido a essas reformas a China se transformou em uma grande potência comercial. Exportações chinesas cresceram de US\$14 bilhões para US\$762 bilhões. No mesmo período as importações passaram de US\$16 bilhões para US\$660 bilhões.²³

Tabela 3.1: Balança comercial chinesa, 1979-2005 (em US\$ bilhões)

Ano	Exportações	Importações	Saldo Comercial
1979	13,7	15,7	-2,0
1980	18,1	19,5	-1,4
1981	21,5	21,6	-0,1
1982	21,9	18,9	2,9
1983	22,1	21,3	0,8
1984	24,8	26,0	-1,1
1985	27,3	42,5	-15,3
1986	31,4	43,2	-11,9
1987	39,4	43,2	-3,8
1988	47,6	55,3	-7,7
1989	52,9	59,1	-6,2
1990	62,9	53,9	9,0
1991	71,9	63,9	8,1
1992	85,5	81,8	3,6
1993	91,6	103,6	-11,9
1994	120,8	115,6	5,2
1995	148,8	132,1	16,7
1996	151,1	138,8	12,3
1997	182,7	142,2	40,5
1998	183,8	140,2	43,6
1999	194,9	165,8	29,1
2000	249,2	225,1	24,1
2001	266,2	243,6	22,6
2002	325,6	295,2	30,4
2003	438,4	412,8	25,6
2004	593,4	561,4	32,0
2005	762,0	660,1	101,9

Fonte: China's Economic Conditions. CRS Issue Brief for Congress

²² IANCHOVICHINA, Elena; MARTIN, Will. **Trade Liberalization in China's Accession to the World Trade Organization**. World Bank.

²³ MORRISON, Wayne M. **China's Economic Conditions**. CRS Issue Brief for Congress.

Os maiores parceiros comerciais da China são a União Européia (EU), Estados Unidos, Japão, Hong Kong e as 10 nações que constituem a *Association of Southeast Asian Nations* (ASEAN). Em 2004 os maiores parceiros mercados de exportações chinesas foram os EUA, Hong Kong e EU. As grandes fontes de importações foram o Japão, EU e Taiwan.²⁴

Tabela 3.2: Cinco maiores parceiros comerciais da China em 2004 (US\$ bilhões)

País	Comércio total	Exportações chinesas	Importações chinesas	Saldo comercial chinês
União Européia	177,3	95,9	63,4	32,5
Estados Unidos	169,7	125,0	44,7	80,3
Japão	167,9	73,5	94,4	-20,9
Hong Kong	112,7	100,9	11,8	89,1
ASEAN*	105,9	42,9	63,0	-20,1

Fonte: China's Economic Conditions. CRS Issue Brief for Congress

* Países membros da ASEAN: Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura, Tailândia, Brunei, Camboja, Laos, Mianmar e Vietnã.

O sucesso das reformas comerciais na China tem sido tão grande que em termos de comércio externo, a China ocupa hoje a terceira posição no ranking, atrás apenas dos Estados Unidos e da Alemanha. Em 1978 ela ocupava a 32^o posição na lista dos países com maior comércio externo.²⁵ Em março de 2006 as reservas internacionais da China haviam acumulado US\$875,1 bilhões²⁶, superando o Japão como o país com as maiores reservas. No entanto, muitos economistas creditam o yuan desvalorizado ante o dólar como um dos motivos do elevado saldo positivo na balança comercial chinesa. Respondendo à pressão internacional, a China valorizou o yuan 2,1% em relação ao dólar em julho de 2005. Para muitos isso ainda não é o suficiente. Kenneth Rogoff, ex-economista chefe do FMI, pede uma valorização do yuan de 5% a.a. ao longo de vários anos.²⁷

A abundância de mão-de-obra na China tornou-a competitiva internacionalmente em várias manufaturas de baixo custo e intensivas em trabalho. No triênio 1999-2001 as manufaturas representaram mais de 80% das vendas externas chinesas. Os manufaturados intensivos em trabalho tais como artigos têxteis e vestuário tiveram uma participação de 39,8% no total exportado.²⁸ Recentemente tem havido uma queda na participação desses

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid.

²⁶ MOREIRA, Assis. **Asiáticos iniciam diversificação**. Valor Econômico, 8 de maio de 2006.

²⁷ MOREIRA, Assis. **OMC quer que China valorize sua moeda**. Valor Econômico, 16 de março de 2006.

²⁸ **Características e possibilidades de incremento do comércio bilateral Brasil-China**. CNI.

produtos na pauta exportadora, enquanto aumentaram as exportações de máquinas de escritório e informática, aparelhos eletrônicos e de comunicação e máquinas e equipamentos.²⁹

Tabela 3.3: Principais itens da pauta de exportações da China (1995-2002)

Setor	Valores (US\$ Milhões)		Crescimento (% ao Ano)
	1995	2002	
Alimentos e Bebidas	9.287	12.424	4,2
Têxtil	17.491	27.636	6,8
Vestuário	21.546	35.455	7,4
Couro e Calçados	10.058	16.834	7,6
Química	9.391	15.794	7,7
Máquinas e Equipamentos	6.190	21.268	19,3
Máquinas de Escritório e Informática	4.766	36.228	33,6
Materiais Elétricos	6.970	19.991	16,2
Eletrônico e Comunicações	10.741	42.430	21,7
Diversos (Móveis, Brinquedos etc.)	11.089	24.483	12,0
Demais	41.088	73.052	8,6
Total	148.616	325.596	11,9

Fonte: O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão N°104

Já as importações chinesas também são concentradas em produtos manufaturados, em especial os intensivos em P&D. Destaca-se o crescimento das compras de produtos de média e alta tecnologia: máquinas de escritório e informática, aparelhos eletrônicos e de comunicação; e instrumentos médicos e ópticos. A similaridade entre certos produtos nas pautas de importação e de exportação reflete a montagem de produtos importados.

²⁹ PUGA, Fernando Pimentel, et al. **O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento**. BNDES, Texto para discussão N°104.

Tabela 3.4: Principais itens da pauta de importações da China (1995-2002)

Setor	Valores (US\$ Milhões)		Crescimento (% ao Ano)
	1995	2002	
Extração de Petróleo	2.360	12.757	27,3
Alimentos e Bebidas	6.007	7.026	2,3
Têxtil	11.274	13.499	2,6
Química	18.356	40.412	11,9
Metalurgia	9.708	24.325	14,0
Máquinas e Equipamentos	24.619	34.177	4,8
Máquinas de Escritório e Informática	2.855	17.094	29,1
Materiais Elétricos	5.972	15.689	14,8
Eletrônico e Comunicações	12.476	55.841	23,9
Instrumentos Médicos e Ópticos	4.277	13.907	18,3
Demais	33.449	60.442	8,8
Total	131.353	295.170	12,3

Fonte: O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento. BNDES, Texto para discussão N°104

3.3 Investimento direto estrangeiro

O crescimento econômico chinês teve como elemento fundamental o investimento direto estrangeiro (IDE) por meio das ZEEs. A primeira fase de fluxos de IDE ocorreu entre 1979 e 1985. A intenção era atrair investimento estrangeiro para o desenvolvimento de recursos naturais e para o setor exportador. Porém, devido a falta de infra-estrutura e mão-de-obra qualificada, o fluxo de IDE permaneceu baixo nesse período. Na segunda metade da década de 80 essa situação começou a se reverter. As firmas localizadas nas ZEEs passaram a ter menos restrições no comércio doméstico e externo e as concessões tarifárias e tributárias passaram a ser mais generosas. Empresas de capital estrangeiro passaram a ser permitidas fora das ZEEs.³⁰ Em 1983 IDE na China não passava de US\$640 milhões enquanto que em 2005 esse valor era de quase US\$60 bilhões.³¹ Em 2003 a China havia ultrapassado os EUA como principal destino de IDE tendo recebido 6,3% do total de IDE naquele ano.³²

³⁰ CERRA, Valerie; DAYAL-GULATI, Anuradha. **China's Trade Flows-Changing Price Sensitivities and the Reform Process**. IMF, Working Paper N°99/1.

³¹ MORRISON, Wayne M. **China's Economic Conditions**. CRS Issue Brief for Congress.

³² PEREIRA, Lia Valls; FERRAZ FILHO, Galeno Tinoco. **O acesso da China à OMC: implicações para os interesses brasileiros**. Funcex, Texto para discussão N°163.

CAPÍTULO 4: COMÉRCIO BRASIL-CHINA

O interesse do Brasil pela China é um fato bem recente. Embora os dois países tenham mantido intercâmbio comercial extra-oficial desde a fundação da República Popular da China, devido a longa distância e a falta de conhecimento entre os dois países o volume comercial na década de 50 não ultrapassou US\$ 8 milhões. Com o golpe militar de 1964, o comércio entre os dois países foi interrompido. Seguindo a iniciativa americana, em 1974 o Brasil e a China restabelecem relações diplomáticas.³³ Mas é somente a partir de 2000 que o intercâmbio comercial entre os dois países vem crescendo rapidamente. Nesse ano a participação chinesa no total das vendas brasileiras era de 2,0% enquanto que o peso dos produtos chineses sobre a pauta de importações brasileiras era de 2,2%.³⁴ Em 2003 as importações provenientes da China já representavam 4,45% das importações totais brasileiras. Já as exportações brasileiras destinadas à China tinham um peso de 6,2% do total exportado pelo Brasil, fazendo da China o terceiro maior destino dos produtos brasileiros, com participação maior apenas para os EUA e a Argentina.³⁵ Em 2005 a China manteve esse posto, com participação de 5,78%.³⁶ Do lado chinês, as exportações para o Brasil representaram somente 0,70% do total exportado pela China.³⁷

³³ **China: Intercâmbio comercial, tarifas aduaneiras, barreiras em bens e serviços e compromissos na acesso à OMC.** Secretaria de Comércio Exterior, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Fevereiro de 2002.

³⁴ PEREIRA, Lia Valls; FERRAZ FILHO, Galeno Tinoco. **O acesso da China à OMC: implicações para os interesses brasileiros.** Funcex, Texto para discussão N° 163.

³⁵ ABREU, Marcelo de Paiva. **China's emergence in the global economy and Brazil.** PUC-Rio, Texto para discussão N° 491.

³⁶ **Brasil-China: balança comercial de 2005 ultrapassa os US\$ 12 bilhões.** Notícia da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE) em 18 de janeiro de 2006.

³⁷ Cálculo feito com base nos dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e China's Economic Conditions. CRS Issue Brief for Congress.

Tabela 4.1: Peso do comércio Brasil-China nas pautas dos dois países

Ano	Brasil		China	
	Peso das exportações p/ China	Peso das importações da China	Peso das exportações p/ Brasil	Peso das importações do Brasil
2000	1,97%	2,19%	0,49%	0,48%
2001	3,27%	2,39%	0,50%	0,78%
2002	4,18%	3,29%	0,48%	0,85%
2003	6,20%	4,45%	0,49%	1,10%
2004	5,60%	5,90%	0,63%	0,97%
2005	5,78%	7,30%	0,70%	1,04%

Fonte: Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e China's Economic Conditions: CRS Issue Brief for Congress.

O histórico do comércio entre os dois países tem sido quase sempre favorável ao Brasil, com o país registrando superávits na maior parte dos anos entre 1985 e 2003. O gráfico 4.1 mostra que nesse período os únicos anos de déficit foram entre 1996 e 2000. Entretanto, nem mesmo no pior ano o déficit alcançou US\$ 200 milhões.³⁸ Tanto em 2004 e 2005 o saldo da balança foi positivo para o Brasil, com superávits de US\$ 1,7 bilhão e US\$ 1,4 bilhão respectivamente. A balança comercial Brasil-China também fechou 2005 com recorde de US\$ 12,1 bilhões, ante os US\$ 9,1 bilhões de 2004.³⁹

Como mostram a tabela 4.2 e o gráfico 4.1 a seguir, o comércio entre os dois países está em clara expansão, com as exportações brasileiras rumo à China crescendo mais de 25% em 2005 enquanto as importações brasileiras de bens chineses subiram 44%. À medida que os laços comerciais entre os dois países vão se fortalecendo, esse forte crescimento do intercâmbio deve permanecer por mais algum tempo. Do lado brasileiro, por exemplo, além das *commodities* que já são exportadas, ainda há muito espaço para outros produtos do agronegócio, como frutas, açúcar e álcool.⁴⁰

Tabela 4.2: Expansão do comércio Brasil-China

Ano	Total exportado (em US\$)	Variação percentual a.a.	Total importado (em US\$)	Variação percentual a.a.
2000	1.085.223.878	-	1.222.294.377	-
2001	1.902.093.617	75,27%	1.328.094.257	8,66%
2002	2.520.457.098	32,51%	1.554.012.240	17,01%
2003	4.532.559.799	79,83%	2.147.634.974	38,20%
2004	5.439.956.312	20,02%	3.710.476.817	72,77%
2005	6.833.668.267	25,62%	5.353.261.623	44,27%

Fonte: Fonte: Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

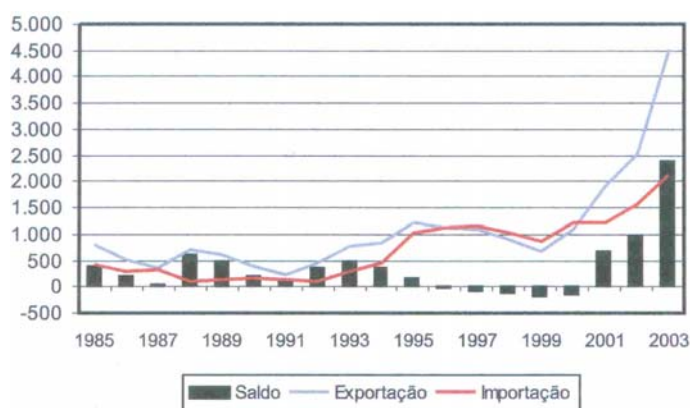
³⁸ RIBEIRO, Fernando; POURCHET, Henry. **O perfil do comércio Brasil-China**. RBCE, N°79.

³⁹ CBCDE.

⁴⁰ Ver o Capítulo 6: Barreiras ao Comércio Bilateral

Um estudo publicado pela Revista Brasileira de Comércio Exterior⁴¹ aponta para um claro salto nos fluxos de comércio Brasil-China a partir de 1999, como demonstra o gráfico 3.1. De acordo com os autores houve uma clara mudança estrutural nas trajetórias das importações e das exportações. No período entre 1999 e 2003, o *quantum* das vendas para a China cresceu 525%, enquanto que o aumento de *quantum* das exportações brasileiras totais foi de apenas 52%. Nesse mesmo período as importações chinesas cresceram mais rapidamente do que as exportações mundiais – 125% contra 34%.

Gráfico 4.1: Evolução do comércio Brasil-China (US\$ milhões)



Fonte: O perfil do comércio Brasil-China. RBCE N° 79

Contudo, os autores não vêem o fator demanda como o único responsável pelo recente desempenho favorável das exportações brasileiras para a China. Eles citam três motivos:

- 1) Entre 1999 e 2003 as exportações brasileiras destinadas à China cresceram 570%, uma taxa 4,6 vezes maior do que a relativa às importações totais da China. Ao mesmo tempo, o ganho de *market-share* do Brasil na pauta de importações da China seria um movimento natural, passando de 0,4% em 1999 para 1,27% em 2003. Esse valor já foi de quase 2,2% em 1985, quando o mercado chinês era mais restrito;
- 2) No período observado, a “evolução dos preços de exportação do Brasil foi mais favorável às vendas para a China do que às exportações totais. O índice de preço das exportações para a China acumulou ganho de 7,2% entre 1999 e 2003, enquanto o índice relativo ao total registrou, no mesmo período, queda de 0,5%”.

⁴¹ RIBEIRO, Fernando; POURCHET, Henry. **O perfil do comércio Brasil-China**. RBCE, N°79.

- 3) “(...) a composição de nossas exportações em termos de produtos, avaliando-se a hipótese das importações chinesas tem crescido mais rápido justamente nos produtos que o Brasil exporta. A partir deste ponto, os ganhos de *market-share* do Brasil só podem ser explicados por efetivos ganhos de competitividade da produção brasileira”.

Quanto ao crescimento das importações brasileiras provenientes da China, este faz parte da diversificação de origens das compras brasileiras, de acordo com os autores. Enquanto os mercados tradicionais como os EUA, União Européia e o Mercosul perderam participação na pauta de importação brasileira, os mercados não tradicionais têm registrado aumentos de participação.

4.1 Exportações brasileiras

O principal aspecto das exportações brasileiras para a China é o peso dos produtos de baixo conteúdo tecnológico. Em 2000, os produtos básicos responderam por 68% das vendas para a China, caindo para 50% em 2003, mas retornando novamente para 68% em 2005. Os produtos manufaturados passaram de uma participação de 19% em 2000 para 25,9% em 2003 e caindo para 16,7% em 2005. No triênio 2000/2002 os produtos básicos responderam por 62,6% das vendas brasileiras para a China, caindo para 60,5% no triênio 2003/2005. No mesmo período o peso das manufaturas caiu de 21,6% para 19,5%. Vale chamar atenção para o fato que o peso dos produtos básicos nas exportações para a China tem sido em geral mais do que o dobro do peso destes nas exportações brasileiras globais. O inverso ocorre com os produtos manufaturados, enquanto que o peso dos produtos semimanufaturados tem sido em média maior na pauta para a China do que na pauta global.⁴²

Tabela 4.3: Peso de cada tipo de produto na pauta de exportação pra China e na pauta de exportação global

	2000		2001		2002		2003		2004		2005	
	China	Mundo	China	Mundo	China	Mundo	China	Mundo	China	Mundo	China	Mundo
Básicos	68,2%	22,8%	60,7%	26,4%	61,5%	28,1%	50,0%	29,0%	59,4%	29,6%	68,4%	29,3%
Semimanufaturados	13,0%	15,4%	14,9%	14,2%	27,9%	14,9%	24,1%	15,0%	22,9%	13,9%	14,9%	13,5%
Manufaturados	18,8%	59,0%	24,4%	56,5%	20,6%	54,7%	25,9%	54,3%	17,7%	54,9%	16,7%	55,1%

Fonte: Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

⁴² Cálculos feitos com base nos dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Outra característica importante das exportações brasileiras pra China é o elevado grau de concentração de certos produtos na pauta. Em 2005 as vendas de soja para a China acumularam um peso de 25% do total exportado, enquanto que minério de ferro respondeu por 18% do total.⁴³

Tabela 4.4: Valor e peso dos principais produtos na pauta de exportação (2005)

Produto	Valor exportado (US\$)	Participação (em %)
Soja em grão	1.716.921.127	25,12
Óleo de soja	169.186.101	2,48
Minério de ferro	1.242.540.969	18,18
Minério de ferro aglomerado	542.090.156	7,93
Laminados de ferro e aço	281.510.327	4,48
Celulose	270.051.381	3,95
Demais produtos	2.611.368.206	37,86

Fonte: Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

As exportações brasileiras parecem ter se concentrado em importações em que a China tem demonstrado um certo dinamismo – produtos cujas importações chinesas cresceram a taxas similares ou superiores à média de importação do país. Logo, o sucesso do Brasil no mercado chinês não resultou de uma estratégia comercial brasileira visando aumentar o *market-share* naquele mercado. Seria de fato “o aproveitamento de oportunidades derivadas do crescimento das importações chinesas de *commodities* nas quais o Brasil detém vantagens comparativas”.⁴⁴

Constata-se também a “forte estabilidade da composição da pauta exportadora. Durante os últimos 20 anos, cinco setores – agropecuária, extrativa mineral, siderurgia, óleos vegetais, celulose, papel e gráfica – estiveram sempre presentes entre os mais importantes e, no total, responderam por uma parcela nunca inferior a 70% do valor exportado para a China. Em todos esses setores as vendas brasileiras concentraram-se em um ou dois produtos, a maior parte dos quais *commodities* de baixo valor agregado tais como: minério de ferro, soja em grãos, óleo de soja, laminados planos, semimanufaturados de ferro e aço, celulose etc”.⁴⁵

⁴³ Ibid.

⁴⁴ PEREIRA, Lia Valls; FERRAZ FILHO, Galeno Tinoco. **O acesso da China à OMC: implicações para os interesses brasileiros**. Funcex, Texto para discussão N°163.

⁴⁵ Ibid.

4.2 Importações brasileiras

A grande maioria dos produtos importados da China pelo Brasil são produtos manufaturados. Em 2003 esses produtos representaram 84% do total importado pelo Brasil enquanto os produtos básicos responderam por 15%.⁴⁶ A pauta de importações brasileiras provenientes da China é bastante diversificada em termos de produtos. Em 2005 o produto com maior peso na pauta de importações era “outras partes para aparelhos transmissores/receptores” com uma participação de 9,11%.⁴⁷ No entanto, no que diz respeito aos setores produtivos, há um elevado grau de concentração. “Em 2003, apenas dois segmentos (equipamentos eletrônicos, siderurgia) responsabilizaram-se por cerca de 40% das importações brasileiras (...)”.⁴⁸

Tabela 4.5: Valor e peso dos principais produtos na pauta de importação (2005)

Produto	Valor exportado (US\$)	Participação (em %)
Partes p/ aparelhos transmissores/receptores	487.317.796	9,11
Dispositivos de cristais líquidos	255.936.201	4,78
Coques de hulha	163.572.577	3,06
Aparelhos videofônicos de gravação	121.186.164	2,26
Tecidos de fibras têxteis e sintéticas	110.157.733	2,06
Terminais portáteis de telefonia celular	101.972.689	1,90
Demais produtos	4.113.118.463	76,83

Fonte: Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

⁴⁶ **Características e possibilidades de incremento do comércio bilateral Brasil-China.** CNI.

⁴⁷ Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

⁴⁸ PEREIRA, Lia Valls; FERRAZ FILHO, Galeno Tinoco. **O acesso da China à OMC: implicações para os interesses brasileiros.** Funcex, Texto para discussão N°163.

CAPÍTULO 5: VANTAGENS COMPARATIVAS⁴⁹

O comércio internacional pode ser diferenciado entre dois tipos de comércio: o comércio intra-indústria e o comércio interindústria. O comércio intra-indústria é praticado principalmente entre os países industrializados, pois estes têm se tornado crescentemente similares em seus níveis de tecnologia e na disponibilidade de capital e trabalho qualificado. Em termos simples, esse tipo de comércio é na verdade o comércio nos dois sentidos de mercadorias similares, embora elas possuam diferenciação em termos de qualidade, especificações e tecnologia, entre outras, como por exemplo a importação de carros Honda pelos EUA e a importação de carros da GM pelo Japão. O comércio intra-indústria aumenta a gama de escolhas disponíveis aos consumidores em cada país, bem como o grau de concorrência entre os fabricantes da mesma classe de produto em cada país.

Já o comércio interindústria é a troca, entre nações, de produtos de setores diferentes. Ele envolve a troca de bens com diferentes exigências de fatores de produção. Grande parte deste tipo de comércio ocorre entre nações que possuem dotações de recursos muito diferentes. Logo, ele é um reflexo das vantagens comparativas que uma nação possui sobre a outra, diferentemente do comércio intra-indústria, que é mais um reflexo das economias de escala de cada país. Mas qual é de fato a importância das vantagens comparativas?

A teoria econômica nos diz que o “comércio entre dois países pode beneficiar ambos os países, se cada um produzir os bens nos quais possui vantagens comparativas”.⁵⁰ Um país possui vantagem comparativa na produção de um bem se o custo de oportunidade da produção do bem em termos de outros bens é mais baixo que em outros países. Por exemplo, dados certos recursos, a China poderia produzir 50 milhões de toneladas de soja ou 250 mil metros quadrados de tecido. Ou seja, o custo de oportunidade para a China de produzir as 50 milhões de toneladas de soja é de 250 mil metros quadrados de tecido. Por outro lado, o Brasil pode produzir 50 milhões de toneladas de soja ou 100 mil metros quadrados de tecido. Logo, o custo de oportunidade de produzir soja no Brasil é menor.

⁴⁹ As informações neste capítulo sobre os modelos baseados nas vantagens comparativas foram extraídas basicamente de Krugman e Obstfeld, com algumas contribuições de Carbaugh (2004).

⁵⁰ KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional – Teoria e Política**. São Paulo: Pearson Education do Brasil. Quinta edição, 2001.

Devido a essa diferença em custos de oportunidade, existe a possibilidade de um benefício mútuo na reorganização da produção mundial. A China passaria a dedicar seus recursos para a produção de tecido, enquanto o Brasil plantaria soja. O resultado, como mostra a tabela 5.1, é que o mundo está produzindo a mesma quantidade de soja, mas agora produz mais tecido.

Tabela 5.1: Mudanças hipotéticas de produção

	Soja (mm de toneladas)	Tecido (mil metros quadrados)
China	-50	+250
Brasil	+50	-100
Total	0	+150

Fonte: Economia Internacional – Teoria e Política

Esse simples exemplo já indica a importância do princípio das vantagens comparativas no comércio internacional, segundo o qual países comercializam produtos bem diferentes, beneficiando-se de grandes diferenciais relativos de custos de produção. Conseqüentemente entende-se a importância de avaliar quanto do comércio Brasil-China se baseia no princípio das vantagens comparativas, que por sua vez é refletido no comércio interindústria.

Um recente estudo da Funcex⁵¹ avaliou quanto da corrente de comércio Brasil-China fazia parte do comércio interindústria e quanto fazia parte do comércio intra-indústria. Para tanto, os autores do estudo consideraram todos os produtos nos quais havia tanto valores exportados quanto importados e calcularam o valor da corrente de comércio destes produtos em proporção da corrente de comércio total entre os países. Concluíram que 42,3% da corrente de comércio do país diz respeito a bens que são simultaneamente exportados e importados.

Com o intuito de criar um critério de seleção de produtos mais rigoroso, foram considerados apenas aqueles bens nos quais a razão entre exportações e importações tenha sido inferior a 100 e superior a 0,01. Ou seja, foram eliminados todos os produtos nos quais o fluxo de comércio em uma direção tenha sido 100 vezes superior ao fluxo na direção contrária. Os autores do estudo argumentaram que, “Razões superiores a esta significariam que, de fato, não há comércio efetivo nas duas direções, pois um dos fluxos é muito

⁵¹ RIBEIRO, Fernando; POURCHET, Henry. **O perfil do comércio Brasil-China**. RBCE, N°79.

reduzido em relação ao outro”.⁵² Levando em conta esse critério, constatou-se que somente 16% da corrente de comércio do Brasil com a China diz respeito a bens que são simultaneamente exportados e importados, refletindo o comércio intra-indústria. Concluiu-se que os fluxos de comércio entre os dois países são predominantemente orientados pelo princípio das vantagens comparativas.

De forma a entender melhor como as vantagens comparativas podem propiciar ganhos no comércio internacional, atenção será dada agora aos modelos de comércio internacional baseados nas vantagens comparativas.

5.1 Modelo Ricardiano

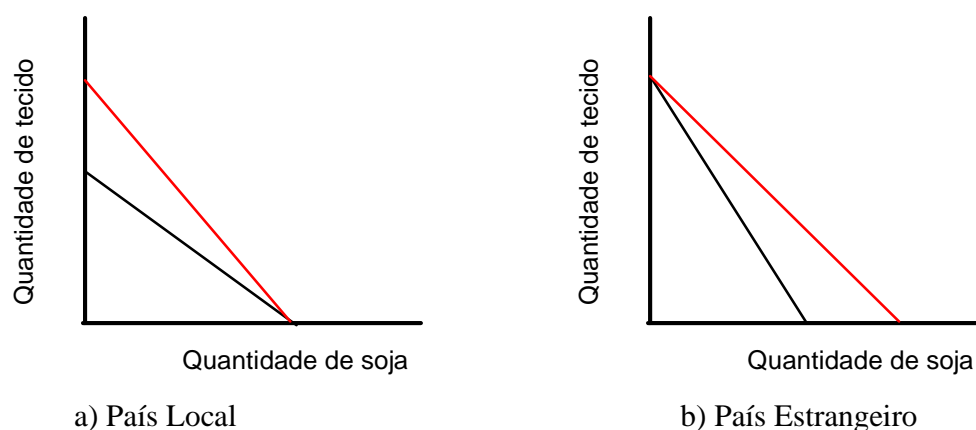
Talvez o modelo mais simples seja o modelo Ricardiano, onde as possibilidades de produção são determinadas pela alocação de mão-de-obra entre os setores produtivos. Dito de outra forma, a mão-de-obra é o único fator de produção na economia e é a distribuição desta que determina o que será produzido na economia. Para simplificar a discussão, no início consideraremos um único país sendo que este pode produzir apenas dois bens: soja e tecido. Para determinar o que o país realmente produzirá precisa-se analisar o preço relativo dos dois bens – o preço de um bem em termos do outro, P_S/P_T . A economia terá a especialidade na produção de soja se o preço relativo da soja exceder seu custo de oportunidade. Inversamente, ela terá a especialidade da produção de tecido se o preço relativo da soja for menor que seu custo de oportunidade. O custo de oportunidade de soja em termos de tecido é X_{LS}/X_{LT} , onde X_{LS} é o número de horas necessárias para a produção de um quilo de soja e X_{LT} é o número de horas necessárias para a produção de um metro quadrado de tecido. Logo, quando P_S/P_T for maior que X_{LS}/X_{LT} , a economia terá a especialidade na produção de soja.

Agora adicionaremos um segundo país cuja produção esteja limitada aos mesmos dois bens. Quando X_{LS}/X^*_{LT} é menor que X_{LT}/X^*_{LT} , onde X^*_{LS} e X^*_{LT} são as horas necessárias para produzir um quilo de soja e um metro quadrado de tecido no país estrangeiro, significa dizer que o custo de oportunidade de produzir soja no país doméstico é menor do que no país estrangeiro. Logo, a economia local tem vantagem comparativa na produção de soja. Para vermos como isso pode resultar em ganhos de comércio para ambos

⁵² Ibid.

os países, basta entender o gráfico 5.1 abaixo. As linhas pretas representam as fronteiras de possibilidade de produção de cada país. A especialização e o comércio internacional possibilitam uma expansão das possibilidades de produção em direção as retas vermelhas. Agora, o país doméstico pode produzir a mesma quantidade de soja, mas com o comércio passa a “produzir indiretamente” uma quantidade maior de tecido. Dessa forma ele se torna mais eficiente na “produção” de tecido. O mesmo vale para o país estrangeiro, sendo que ele produziria tecido e trocava por soja, tornando-se mais eficiente na produção de ambos, sendo que estaria produzindo soja indiretamente através do comércio.

Gráfico 5.1: Fronteiras de Possibilidade de Produção



Fonte: Economia Internacional – Teoria e Política

Abriremos agora a discussão para incluirmos a produção de diversos bens e o salário pago por hora, w . A regra para alocar a produção mundial é: produzir os bens onde for mais barato produzi-los. O custo para produzir um determinado bem “ i ” é a necessidade de unidades de trabalho vezes o salário, ou wX_{Li} . Produzir o mesmo bem no país estrangeiro custará $w^*X^*_{Li}$. Será mais barato produzir no país estrangeiro se $wX_{Li} < w^*X^*_{Li}$. Reordenando, temos: $X^*_{Li} / X_{Li} > w/w^*$. Concluimos então que a relação dos salários das duas economias, w/w^* , serve como um “corte” no ordenamento do que deve ser produzido por cada economia. Todos os bens situados à esquerda do corte devem ser produzidos no país local, enquanto que os bens à direita devem ser produzidos no país estrangeiro.

5.2 Modelo de Hecksher-Olin

Por fim, temos o modelo de Hecksher-Olin, que leva em conta não só as diferenças na produtividade da mão-de-obra para explicar as trocas, mas também as diferenças entre os recursos dos países. Este modelo mostra que a dotação dos fatores constitui a fonte da vantagem comparativa entre as nações. As vantagens comparativas são influenciadas pela interação entre os recursos da nação (a abundância relativa dos fatores de produção) e a tecnologia de produção (que influencia a intensidade relativa com a qual fatores diferentes de produção são usados na produção de bens diferentes). Nesse modelo os mesmo dois fatores podem ser usados em ambos os setores. Porém, para fins de análise posterior, bastará apenas citar as principais conclusões deste modelo:

- 1- Em termos gerais, uma economia tende a ser relativamente eficaz na produção de bens que são intensivos no fator com o qual o país é relativamente bem dotado.
- 2- Os países tendem a exportar bens cuja produção é intensiva em fatores com os quais eles são favorecidos em abundância e importam bens em cuja produção é utilizada um fator escasso.
- 3- Os proprietários dos fatores abundantes de um país ganham com o comércio, mas os proprietários dos fatores escassos de um país perdem.
- 4- O comércio leva a uma convergência dos preços relativos.

Uma observação importante deve ser feita quanto à discussão desses modelos. Com o intuito de facilitar o entendimento dos modelos, diversos fatores importantes acerca do comércio internacional foram omitidos, como por exemplo, os custos de transporte, o efeito sobre a distribuição de renda dos países, barreiras comerciais e a mobilidade da mão-de-obra entre países. A intenção era de apenas mostrar os ganhos potenciais incorridos por países quando eles participam do comércio internacional.

5.3 Vantagens comparativas no comércio Brasil-China

A mais evidente vantagem comparativa natural do Brasil é sua abundância de terras cultiváveis. O solo fértil e o clima temperado permitem ao Brasil ser um dos países mais competitivos do mundo na indústria agropecuária. Essa competitividade se reflete na pauta de exportações brasileira para a China. Por exemplo, desde 1997 a China tem sido o maior importador mundial de produtos pertencentes ao complexo soja. Em 2002, o Brasil se

tornou o principal exportador de soja para a China.⁵³ Isso se deve a dois importantes fatores:

- 1- A partir de 2002 a China passou a restringir a importação de produtos transgênicos, tendo um efeito direto sobre as exportações de soja dos EUA para a China, até então o maior fornecedor de soja no mercado chinês, devido ao fato de que 81% da soja plantada nos EUA era transgênica.⁵⁴
- 2- O custo de produção da soja nos EUA é de US\$ 227/tonelada, mais do que o dobro do custo de produção no Brasil, de apenas US\$111,14/tonelada.

Outro bem exportado pelo Brasil em grandes quantidades para a China é o minério de ferro. O acelerado crescimento da economia chinesa levou a grandes saltos em sua demanda por aço. O resultado é que a China é a maior consumidora do insumo no mercado mundial.⁵⁵ A China não somente é a principal cliente da CVRD, a maior produtora e exportadora de minério de ferro do mundo, mas o Brasil é também o segundo maior fornecedor da matéria-prima no mercado chinês, superado apenas pela Austrália.⁵⁶ Contudo, a liderança australiana no mercado chinês é explicado apenas pela sua posição geográfica, reduzindo os custos de transporte. Não fosse isso, o Brasil poderia ser o maior fornecedor de minério para a China, pois o custo de extração no Brasil é menor e, conforme um estudo do BNDES, o teor do minério brasileiro é de 64% contra um teor médio de 59% na Austrália e de 40% na China.⁵⁷

Juntos, a soja e o minério de ferro respondem por 43,3% da pauta de exportações brasileiras para a China. Somados, os quatro produtos de maior peso na pauta (soja em grão, minério de ferro, minério de ferro aglomerado e celulose) respondem por 55,18% da pauta. No total, os produtos básicos tem um peso de 68,4% na pauta de exportações

⁵³ PUGA, Fernando Pimentel, et al. **O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento**. BNDES, Texto para discussão N°104.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ DURÃO, Vera Saavedra. **Vale fecha com Arcelor e isola chineses**. Valor Econômico, 24 de maio de 2006.

⁵⁶ Góes, Francisco. **Vale nega reajuste diferenciado para usinas chinesas**. Valor Econômico, 25 de maio de 2006.

⁵⁷ PUGA, Fernando Pimentel, et al. **O comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento**. BNDES, Texto para discussão N°104.

brasileiras para a China, enquanto que na pauta de exportação global do Brasil essa participação é de apenas 29,3%⁵⁸

Como observado nos modelos de comércio descritos acima, um país tende a ser relativamente eficaz na produção de bens que são intensivos no fator com o qual o país é relativamente bem dotado. Logo, os vastos recursos naturais dos quais o Brasil usufrui ressaltam sua vantagem comparativa sobre a China no setor de produtos básicos e principalmente no setor agrícola. Apesar de sua enorme extensão territorial, apenas 10% das terras chinesas são adequadas para agricultura⁵⁹ e com uma população de 1,3 bilhão de pessoas, fica difícil alimentar tantos com um potencial agrícola relativamente baixo. Foi demonstrado também que países tendem a exportar bens cuja produção é intensiva em fatores com os quais eles são favorecidos em abundância. Explica-se então o elevado peso dos produtos básicos na pauta de exportações brasileira, mais uma vez refletindo essa vantagem comparativa natural brasileira.

A concentração dessa pauta em alguns poucos setores é um resultado do ainda recente interesse brasileiro no mercado chinês. Caberia ao setor privado em conjunto com um esforço diplomático do governo brasileiro procurar novas oportunidades de comércio com a China, para que o Brasil possa não somente aumentar seu leque de bens primários vendidos à China, como também aumentar a participação de produtos de maior valor agregado na pauta brasileira, representados por bens do setor de manufaturados.

Do lado chinês, uma de suas principais vantagens comparativas é sua enorme população. Contando com uma força de trabalho de 640 milhões de pessoas, e na ausência de recursos naturais relevantes, os produtos intensivos em mão-de-obra se tornaram a principal vantagem comparativa. Em comparação com outros países, desenvolvidos e em desenvolvimento, percebe-se que a China possui um dos mais baixos custos de mão-de-obra, sendo superada somente pela Índia e Indonésia. O custo de mão-de-obra por hora é 20 vezes maior nos Estados Unidos do que na China.⁶⁰

⁵⁸ Ver o Capítulo 4: Comércio Brasil-China

⁵⁹ **China: Intercâmbio comercial, tarifas aduaneiras, barreiras em bens e serviços e compromissos na acessão à OMC.** Secretaria de Comércio Exterior, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Fevereiro de 2002.

⁶⁰ CROSSETTI, Pedro de Almeida; FERNANDES, Patrícia Dias. **Para onde vai a China? O impacto do crescimento chinês na siderurgia brasileira.** BNDES, 2005.

Outra vantagem comparativa da China é seu crescente estoque de capital, que vem aumentando a produtividade marginal do trabalhador chinês. Como resultado do processo de globalização e do estabelecimento das Zonas Econômicas Especiais um número crescente de fábricas estrangeiras se instalaram na China e de lá exportam para o resto do mundo. A China é hoje o maior destino de investimento direto estrangeiro. Com esse crescimento do estoque de capital chinês, a transformação de camponeses em trabalhadores só não é maior devido ao fato de que o governo chinês impõe rígidas regras de movimentação sobre sua população.⁶¹

Como anteriormente visto, a China deveria então se tornar um grande exportador de manufaturas intensivas em capital e mão-de-obra, e de fato é o que acontece no comércio Brasil-China. A grande produção têxtil chinesa já levou ao governo brasileiro a pedir pela restrição voluntária às exportações chinesas para proteger a produção domésticas, o que o governo chinês aceitou. Essa restrição nada mais é do que uma cota de comércio imposta pelo país exportador, em vez de pelo importador. Outros setores também têm registrado queixas contra importações chinesas mais baratas, como o setor de auto-falantes e de armações de óculos⁶², mas isso ressalta outra conclusão importante dos modelos de comércio: sendo esses produtos trabalho-intensivos, os produtores brasileiros perdem quando concorrem contra os produtores chineses, que têm uma quantidade muito maior de mão-de-obra a seu dispor. Do outro lado da moeda, a China precisa subsidiar sua produção de soja de forma a proteger seus produtores dos concorrentes brasileiros, que podem plantar mais soja a um custo menor.⁶³

Olhando para os principais produtos importados pelo Brasil da China⁶⁴, conclui-se que esse fluxo de comércio também segue os modelos de comércio, pois todos os bens apresentam um elevado grau de utilização de mão-de-obra e/ou capital em sua produção, como por exemplo “partes para aparelhos transmissores/receptores” e tecidos. Do total importado pelo Brasil da China, bens manufaturados tiveram um peso de 84% na pauta de 2003. Embora haja uma maior diversificação da pauta de importações brasileiras em termos de produtos, há um elevado grau de concentração em alguns setores produtivos. Também

⁶¹ Ibid.

⁶² Ver o último Capítulo 6: Barreiras ao Comércio Bilateral

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Ver o Capítulo 4: Comércio Brasil-China

em 2003 dois segmentos (equipamentos eletrônicos e siderurgia) responderam por 40% das importações brasileiras. Esse mesmo valor foi atingido em 2005.⁶⁵

⁶⁵ LANDIM, Raquel. **Proteção contra concorrente chinês divide a indústria**. Valor Econômico, 15 de maio de 2006.

CAPÍTULO 6: BARREIRAS AO COMÉRCIO BILATERAL

Ao tornar-se membro pleno da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, a China passou a ser obrigado a disciplinar suas relações comerciais de acordo com regras multilaterais. Como qualquer outro membro, o não-cumprimento dessas regras torna o país sujeito a sanções comerciais no âmbito do mecanismo de solução de controversas. Sua entrada na OMC resultou numa importante redução de protecionismo comercial do país. Além de uma abertura no mercado de serviços, a tarifa média consolidada da China foi fixada em 10%. Com o intuito de proteger outros membros da OMC de possíveis danos devido às importações chinesas, o acordo incluiu mecanismos para remediar esses danos. Logo, existem salvaguardas permitindo aos membros da OMC restringir o crescimento de importações que ponham em risco mercados específicos. Há também uma salvaguarda especial para o setor têxtil. As disponibilidades destas salvaguardas são de 12 anos e sete anos, respectivamente. Além do mais, durante 15 anos os países membros têm o direito de utilizar uma metodologia aplicada a uma economia não-mercado para abrir processos *anti-dumping* contra exportadores chineses.⁶⁶

O *dumping* é reconhecido como uma forma de discriminação do preço internacional e considerado uma prática desonesta no comércio internacional. Ele ocorre quando compradores estrangeiros pagam preços menores que os dos compradores domésticos pelo mesmo bem. Também é considerado *dumping* quando um bem é vendido no mercado internacional por um preço abaixo do custo de produção.⁶⁷ O *dumping* bem sucedido gera receitas e lucros adicionais para a empresa praticante, em comparação ao que obteria na ausência de *dumping*. Os consumidores do país importador também saem ganhando, pois estão pagando menos pelo produto importado do que estariam pagando caso comprassem do produtor doméstico ou caso a empresa exportadora estrangeira estivesse vendendo pelo preço justo. São os produtores do país importador que mais sofrem com a competição estrangeira desleal, mas como são um grupo pequeno em relação aos consumidores do país, eles tem mais incentivo e mobilidade para se organizarem em grupos de interesse, podendo assim pressionar políticos por medidas de contingência para protegê-los.

⁶⁶ PEREIRA, Lia Valls; FERRAZ FILHO, Galeno Tinoco. **O acesso da China à OMC: Implicações para os interesses brasileiros**. Funcex, Texto para Discussão No. 163, 2005

⁶⁷ CARBAUGH, Robert J.; **Economia Internacional**. Primeira edição, 2004.

Desde 1989 o Brasil tem se tornado um grande usuário de medidas de contingência como *anti-dumping* e salvaguardas. Desde que o Brasil passou a aplicar medidas de *anti-dumping* em 1988, 20 das 101 medidas definitivas foram contra a China, no período 1988-2003. A China é, portanto o maior alvo das medidas *anti-dumping* brasileiras, com o segundo lugar indo para os Estados Unidos com 11. Em relação ao número de investigações iniciadas, a China ocupa a segunda posição com 30, enquanto os EUA estão em primeiro com 33. No entanto, as medidas *anti-dumping* brasileiras tiveram um efeito quase que nulo pois elas afetaram apenas uma pequena parcela de manufaturados de significância limitada.⁶⁸

O Brasil tem aplicado salvaguardas a importações de brinquedos desde 1996, principalmente sobre aqueles oriundos da China. Essas salvaguardas equivalem a uma adição de 50% à Tarifa Externa Comum (TEC) do Mercosul de 20%. Essa sobretaxa tem caído consecutivamente, indo de 43%, para 29% e chegando a 15% no período 1997-1999 até atingir 9% em 2005. Em 1995 a importação de brinquedos havia atingido o valor de US\$ 139,6 milhões, donde a China havia uma participação de 54%. Em 2002, com a TEC e a sobretaxa somando 30%, a importação de brinquedos havia caído para US\$ 33,4 milhões.⁶⁹ No entanto, tarifas distorcem as escolhas dos consumidores internos, resultando em uma diminuição da demanda doméstica por importações, além de permitir a ocorrência de uma produção interna menos ineficiente. Além do mais, todo ganho obtido pelo país importador geralmente ocorre à custa de outros países, podendo resultar em retaliações tarifárias, diminuindo o volume de comércio internacional.

No setor têxtil, o Brasil não necessitou de salvaguardas, pois havia firmado um acordo com os chineses para que restringissem suas vendas ao Brasil. Esse tipo de restrição reduz a oferta disponível de produtos têxteis no Brasil, levando a preços mais altos cobrados internamente. Isso ocorre por dois motivos:

- 1- Redução da oferta de produtos chineses no mercado brasileiro;
- 2- Os produtores locais têm mais margem para aumentar seus preços face aos concorrentes chineses.

⁶⁸ ABREU, Marcelo de Paiva. **China's emergence in the global economy and Brazil**. PUC-Rio, Texto para Discussão No. 491, 2005.

⁶⁹ Ibid.

Recentemente produtores brasileiros de outros setores têm tentado abrir processos de salvaguardas contra importações chinesas. Os produtos em questão são: auto-falantes, armações de óculos, óculos de sol, pedivela de bicicletas e escovas de cabelo.⁷⁰ A participação chinesa no mercado brasileiro de armações de óculos é expressiva, tendo alcançado 76% do mercado brasileiro em 2005.⁷¹ Esses setores são todos intensivos em mão-de-obra, mas possuem pouca relevância econômica. Além do mais, em 2005 40% do total importado pelo Brasil da China se concentrou em dois setores: eletroeletrônicos e siderurgia.⁷² Logo, o peso desses setores no intercâmbio comercial entre os dois países é limitado. Esses pedidos de salvaguardas são sintomáticos do comércio externo brasileiro e apontam para o viés protecionista do país sobre produtos industriais. A tabela 6.1 abaixo reforça essa idéia e ao mesmo tempo mostra que o país está na contramão da China, cujo viés protecionista incide sobre produtos agrícolas. Onde a maior tarifa aplicada pelo Brasil é de 14,1% sobre bens não-agrícolas, a maior tarifa chinesa é de 19,2% sobre bens agrícolas.

Tabela 6.1: Tarifas de importações- Brasil e China

Tarifas CNMF	Brasil	China
	Tarifas consolidadas	
Média simples	31,4	10,0
Bens agrícolas	35,5	15,8
Bens não-agrícolas	30,8	9,1
	Tarifas aplicadas (2002)	
Média simples	13,8	12,4
Bens agrícolas	11,7	19,2
Bens não-agrícolas	14,1	11,3

Fonte: Relações comerciais Brasil-China: um parceiro especial?⁷³

CNMF: Cláusula de Nação Mais Favorecida

O viés protecionista chinês pode ser explicado pelo simples fato de existirem centenas de milhões chineses que ainda vivem no meio rural e dependem da agricultura

⁷⁰ LANDIM, Raquel. **Proteção contra concorrente chinês divide a indústria**. Valor Econômico, 15 de maio de 2006.

⁷¹ LANDIM, Raquel. **Óculos chineses já tomam 76% do mercado**. Valor Econômico, 16 de maio de 2006.

⁷² LANDIM, Raquel. **Proteção contra concorrente chinês divide a indústria**. Valor Econômico, 15 de maio de 2006.

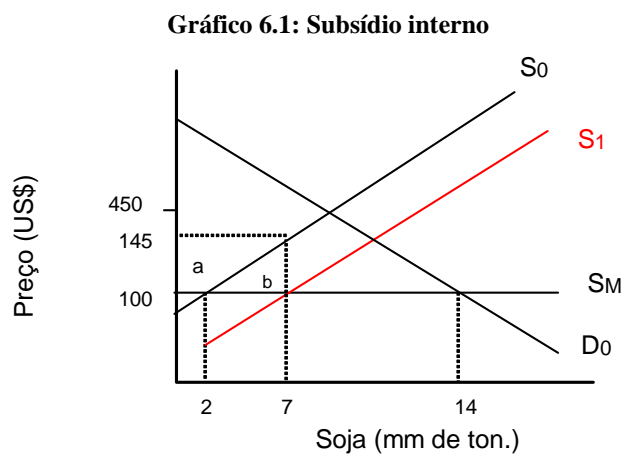
⁷³ PEREIRA, Lia Valls. **Relações comerciais Brasil-China: um parceiro especial?** Cadernos Adenauer VII, nº1, 2006.

para sua sobrevivência. A revolução comunista na China começou, afinal de contas, nos campos e não nas cidades. O Partido Comunista Chinês (PCC) reconhece a importância de manter as comunidades rurais abastecidas de forma a evitar um êxodo rural ou uma outra situação mais explosiva.

No entanto, talvez tão importantes quanto as tarifas chinesas contra importações de produtos do setor agropecuário são as barreiras não-tarifárias. O governo chinês anunciou que irá dar subsídios de US\$ 3,3 bilhões aos produtores de grãos.⁷⁴ Sendo a China um importador líquido de soja, esse subsídio concedido aos fabricantes que concorrem com as importações é chamado de um subsídio interno.⁷⁵ Os efeitos desse tipo de subsídio podem ser observados no gráfico 6.1 a seguir. Suponha que as curvas de oferta e demanda por soja sejam representadas por S_0 e D_0 , respectivamente, e que sua interseção resulte em um preço cobrado pela soja de US\$ 150/tonelada. Estando em vigor um preço de US\$ 100/tonelada, a China consome 14 milhões de toneladas de soja, produz dois milhões de toneladas e importa 12 milhões de toneladas. Com a intenção de proteger parcialmente os produtores chineses da concorrência estrangeira, o governo Chinês concede um subsídio de US\$ 45 por tonelada de soja. Essa vantagem de custo desloca a curva de oferta chinesa para S_1 , sendo a distância vertical entre as duas curvas o valor do subsídio. A produção doméstica aumenta de dois milhões de toneladas para sete milhões de toneladas, e as importações caem de 12 milhões para sete milhões de toneladas. Essas alterações representam o efeito sobre o comércio provocado pelo subsídio. A área “a” do gráfico representa o excedente do produtor, ou a parte da receita com o subsídio que é redistribuída aos produtores chineses. A área “h” reflete o efeito protecionista do subsídio, através do qual a produção interna mais onerosa pode ser vendida no mercado como resultado do subsídio.

⁷⁴ China dobra volumes de subsídios à agricultura. www.ihara.com.br/index/ezsite.asp?id=1600

⁷⁵ CARBAUGH, Robert J.; **Economia Internacional**. Primeira edição, 2004.



Cabe fazer uma importante observação em relação aos efeitos desse tipo de subsídio. Para que o resultado demonstrado pelo gráfico realmente ocorra, o país em questão deve ser um pequeno consumidor do produto subsidiado, de forma que variações em suas compras não afetem o preço internacional. Não é esse o caso da China em relação a soja. A China é hoje a maior importadora de soja do mundo, tendo importado 25,8 milhões de toneladas de soja em 2005.⁷⁶ Logo, variações na demanda chinesa por soja terão de fato efeitos no preço do produto. Com o aumento da oferta chinesa de soja através do subsídio, cai o preço dos grãos no mercado internacional, reduzindo a margem de lucro dos exportadores brasileiros.

O governo brasileiro também vem pedindo mais transparência por conta da China na regulamentação e inspeção fito e zoonosológicas. Esse tipo de barreira continua sendo muito usada pela China, mesmo após sua adesão a OMC. A China justifica essa restrição como necessária para proteger a saúde e a segurança dos consumidores.

⁷⁶ China poderá reduzir importação de soja. Notícia do site: <http://www.aviculturaindustrial.com.br>

CAPÍTULO 7: NOVAS OPORTUNIDADES DE COMÉRCIO

Nos últimos anos a China tem se tornado um dos principais destinos das exportações brasileiras. Porém, o grau de penetração dos produtos brasileiros no mercado importador chinês ainda é baixo, tendo atingido somente 1,04% em 2005.⁷⁷ Atualmente, existem diversas oportunidades de comércio entre os dois países que devem aproximá-los ainda mais no futuro.

Para manter sua credibilidade perante seu povo, o governo chinês precisa gerar um crescimento de PIB acelerado e modernizar o país, tanto industrial quanto economicamente. O *boom* econômico chinês tem aumentado a renda da população. Com o passar do tempo, um aumento de renda tende a levar à mudanças nos hábitos alimentares. Somado a isso está o fato de que a China precisa alimentar uma população de 1,3 bilhão de pessoas, a maior do planeta. Logo, é de grande interesse da China ampliar seu acesso a recursos de grandes produtores agropecuários e minerais. Vê-se então que existem grandes oportunidades para os produtores brasileiros.

A ausência da indústria brasileira na China permitiu que empresas de outros países preenchessem nichos no mercado chinês que normalmente seriam ocupados pelo Brasil. Dois exemplos claros são o suco de laranja e o café. O Brasil é o maior produtor mundial de ambos, porém, a presença brasileira destes produtos no mercado consumidor chinês é baixa. Isso ocorre porque estes produtos chegam ao mercado chinês através de intermediários. Os chineses consomem o café suíço Nescafé, de um país que não produz café e bebem suco de laranja de marcas européias de países que não produzem laranja. Conseqüentemente, o valor agregado flui para os países que compram esses produtos do Brasil.⁷⁸

De fato, espaço é o que não falta para o avanço do consumo de café na China. A demanda chinesa de café é de 400 mil sacas por ano. No Brasil, essa é a demanda registrada em uma única semana.⁷⁹ Lembrando que a população chinesa é mais que sete vezes maior

⁷⁷ Fonte dados dos dados: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e China's Economic Conditions: CRS Issue Brief for Congress

⁷⁸ TANG, Charles A. **Brasil e China: Uma parceria estratégica e comercial**. Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China.

⁷⁹ Brasil, Marca de Excelência- **Brasil -China: Uma aliança estratégica de longo alcance**. Ministério das Relações Exteriores.

que a brasileira, e com uma classe média de 170 milhões de pessoas, há um enorme potencial de ganho para o setor cafeeiro.

O aumento do nível de renda dos chineses tem levado as autoridades a encorajarem o consumo diário de um copo de leite por pessoa. Abre-se então uma porta de exportação do Brasil para a China, pois esta nunca teve tradição em leite ou gado leiteiro. O Brasil poderia ter ganhos não só na exportação de vacas leiteiras como também na área de genética animal – a venda de embriões de gado leiteiro de primeira para aprimorar o sangue do gado chinês.⁸⁰

Um outro setor onde o Brasil pode ter ganhos expressivos é no setor energético, mais especificamente na venda do bioetanol. Isso se deve ao fato da China ser o mercado automobilístico que mais cresce no mundo, junto com a estratégia chinesa de acrescentar entre 10-15% de álcool à gasolina para tentar conter a crescente poluição na China.⁸¹ Cabe ao Brasil tomar proveito do enorme apetite chinês por energia. O Brasil é pioneiro na tecnologia de etanol extraído da cana-de-açúcar. Ele é o maior produtor mundial, obtendo um alto valor energético a um custo relativamente baixo. O etanol brasileiro é de maior qualidade e de menor custo do que aqueles provenientes do milho, da beterraba e de outros cereais e tubérculos como fazem outros países.⁸² Conforme reportou o jornal Valor Econômico⁸³, o Japão está oferecendo financiamento de R\$ 1,286 bilhão para o desenvolvimento de pesquisas, a expansão das lavouras e a construção de unidades industriais dedicadas a produção de etanol e biodiesel. A crescente demanda chinesa por energia somado a uma intensificação da procura por combustíveis menos poluentes apontam para uma necessidade do governo brasileiro de procurar novos parceiros no setor energético. A China, com reservas internacionais de US\$ 875,1 bilhões, as maiores do mundo, também é um possível investidor.

Além do etanol, o Brasil pode se tornar um grande exportador de açúcar para a China. O consumo *per capita* anual médio de açúcar na China é de 7kg. De acordo com Eduardo Carvalho, presidente da União da Agroindústria Canavieira de São Paulo, “Há

⁸⁰ TANG, Charles A. **Brasil e China: Uma parceria estratégica e comercial**. Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China.

⁸¹ Ibid.

⁸² Brasil, Marca de Excelência- **Brasil -China: Uma aliança estratégica de longo alcance**. Ministério das Relações Exteriores.

⁸³ ZANATTA, Mauro. **Japão investe em etanol e biodiesel**. Valor Econômico, 31 de maio de 2006.

enorme espaço de crescimento, considerando-se o consumo *per capita* de países emergentes como o Brasil, em torno de 54 quilos, e da Índia, ao redor de 30 quilos”.⁸⁴ Sendo o Brasil o maior produtor de açúcar do mundo, ele já está em posição avantajada para conquistar o mercado chinês.

A primeira vista pode perceber-se uma concentração em *commodities*, mas na verdade seria apenas o Brasil tirando proveito de suas vantagens comparativas no setor agropecuário. Para que possa conquistar um maior espaço no mercado chinês, o Brasil deve explorar seus principais diferenciais – abundância de terra cultivável, fartura de água e clima adequado para plantio. Afinal de contas, “negar a possibilidade de aproveitar as vantagens naturais do Brasil para entrar numa das maiores economias mundiais seria uma não estratégia de política de comércio exterior”.⁸⁵

Recentemente, o comércio entre os dois países parece ter dado sinais de que está preparado para ir além da exportação brasileira de *commodities* para a China. A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), maior exportadora de minério de ferro do mundo, a Shanghai Baosteel, maior produtora de aço da China, e a Arcelor maior produtora mundial de aço se juntaram em uma *joint-venture* para a implementação de um pólo siderúrgico no estado do Maranhão. Embora o projeto ainda esteja em fase de avaliação de viabilidade, a operação está prevista para começar em 2007, com uma capacidade de produção inicial de 3,7 milhões de toneladas de placas de aço. Com um investimento de US\$ 1,4 bilhão, será o maior investimento chinês no exterior.⁸⁶ A CVRD também firmou acordo com a Aluminium Corporation of China (Chalco) para explorar bauxita e produzir alumina no estado do Pará.⁸⁷

A Embraer também tem firmado parcerias com os chineses. O resultado foi uma *joint-venture* com a chinesa AVIC II para a fabricação de aviões pela Embraer em solo chinês. A nova empresa, donde a Embraer tem participação de 51% é a Harbin Aircraft

⁸⁴ Brasil, Marca de Excelência- **Brasil e China: A parceria de dois gigantes**. Ministério das Relações Exteriores.

⁸⁵ PEREIRA, Lia Valls. **Relações comerciais Brasil-China: um parceiro especial?** Cadernos Adenauer VII, n° 1, 2006.

⁸⁶ ABREU, Marcelo de Paiva. **China's emergence in the global economy and Brazil**. PUC-Rio, Texto para Discussão No. 491, 2005.

⁸⁷ Brasil, Marca de Excelência- **Brasil -China: Uma aliança estratégica de longo alcance**. Ministério das Relações Exteriores.

Industry Ltd. (HEAI), teve um investimento inicial de US\$ 50 milhões.⁸⁸ O governo chinês tem feito pesados investimentos de infra-estrutura nos aeroportos chineses, e com o nível de renda da população aumentando, o turismo doméstico tem aumentado também. Devido à imensa população chinesa e as proporções continentais do país, a Embraer está bem posicionada para lucrar com a intensificação da aviação regional. Ao mesmo tempo, o Brasil estará aumentando sua gama de bens exportados de maior valor agregado.

Recentemente, o Banco Popular da China tem anunciado planos de investir na infra-estrutura brasileira, particularmente na área de transportes. Junto com empresas privadas e instituições financeiras internacionais, esses investimentos poderiam vir a totalizar quase US\$ 3 bilhões. O principal objetivo seria prover recursos para a recuperação da malha ferroviária brasileira, oferecendo à China um acesso mais favorável a produtos brasileiros assim como a venda de equipamentos para o Brasil.⁸⁹ No entanto, ainda não se sabe se esse projeto realmente irá se concretizar.

A parceria entre os dois países está em fase de crescimento também no setor espacial, apresentando um contorno mais definido na área de cooperação técnica e científico-tecnológica, com o trabalho conjunto para o desenvolvimento de satélites de sensoriamento remoto (CBERS). Os dois satélites inicialmente previstos já foram lançados em 1999 e 2003, mas o sucesso do empreendimento vai resultar na produção de mais dois satélites. Os satélites permitirão aos dois países uma independência na área de imagens por satélites, possibilitando-os inclusive a passar de usuários a exportadores desse tipo de serviço.⁹⁰ A parceria já permitiu ao Brasil reduzir sua dependência do Landsat americano e do Spot francês, “em tarefas essenciais e estratégicas como meteorologia, dimensionamento de safras, monitoramento da Amazônia e de desastres naturais”.⁹¹

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Brasil, Marca de Excelência- **Brasil e China: A parceria de dois gigantes**. Ministério das Relações Exteriores.

⁹⁰ DE OLIVEIRA, Henrique Altemani. **Brasil-China: Uma relação sul-sul**. Cadernos Adenauer VII, nº 1, 2006.

⁹¹ Brasil, Marca de Excelência- **Brasil e China: A parceria de dois gigantes**. Ministério das Relações Exteriores.

CAPÍTULO 8: CONCLUSÃO

O comércio bilateral Brasil-China está em clara ascensão, com grandes saltos tanto nas exportações quanto nas importações. Esse comércio é baseado no princípio das vantagens comparativas, visto que os padrões de comércio entre os países seguem a teoria dos modelos de comércio internacional estudados e que o intercâmbio comercial é de produtos bastante diferenciados. O Brasil, com seus vastos recursos naturais é um grande produtor de *commodities*, e supre as necessidades da China para que esta consiga manter seu elevado crescimento econômico durante os próximos anos, assim se tornando um parceiro natural do país asiático. Já na China, o Brasil assim como o resto do mundo encontrou uma fonte barata de manufaturas intensivas em mão-de-obra.

Os ganhos de comércio para ambos os países só não são mais generalizados, pois alguns setores produtivos sofrem com a concorrência externa, mas nem mesmo isso impede que se perceba os benefícios gerados pelo comércio bilateral. No entanto, a pauta de exportação brasileira ainda está muito concentrada em alguns poucos produtos do setor básico, que geram pouco valor agregado ao Brasil. Em 2005 as embarcações de soja e minério de ferro juntas tiveram um peso de mais de 40% na pauta de exportações para a China. Já na pauta chinesa, apesar de existir uma concentração em alguns setores específicos, a diferenciação entre os produtos é maior.

O crescimento econômico chinês já aponta para uma nova ordem mundial. Durante alguns anos ela tem sido o principal motor de crescimento da Ásia e um dos mais importantes do mundo. Inúmeros economistas acreditam que esse crescimento dinâmico deve se sustentar durante mais duas décadas. Observa-se aí o quão importante seria uma aproximação comercial entre o Brasil e a China, dois gigantes do mundo em desenvolvimento.

Essa aproximação pode de fato já ter começado, conforme indicado pelo crescimento acelerado do comércio bilateral entre os dois países. A China se tornou nos últimos anos um dos principais parceiros comerciais do Brasil, sendo ela o terceiro principal destino das exportações brasileiras. Porém, é importante ressaltar que o Brasil não tem o mesmo peso na balança comercial chinesa, embora esta tenha crescido nos últimos anos. Se ambos os países souberem aproveitar suas vantagens comparativas nos próximos

anos, será possível aumentar o grau de integração entre as duas economias no futuro. Para tanto, será necessário um esforço conjunto do setor privado com o corpo diplomático brasileiro procurar identificar novas oportunidades de comércio com a China, para que o Brasil possa não somente aumentar seu leque de bens primários vendidos à China, como também aumentar a participação de produtos de maior valor agregado na pauta brasileira. Caberá também aos dois reduzirem o nível de protecionismo de suas economias, visto que eles se prejudicam mutuamente com suas barreiras comerciais, pois elas protegem os setores nos quais o outro país possui vantagens comparativas. Sem elas, o grau de especialização das economias poderia ser maior, assim permitindo que ambos atinjam um nível maior de produção.

CAPÍTULO 9: BIBLIOGRAFIA

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional: Teoria e Política**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2001.

CARBAUGH, Robert J. **Economia Internacional**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning Ltda, 2004.

LLOYD, Peter J.; *et al.* **Protection and Competition in International Trade**. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1987.

RICUPERO, Rubens; *et al.* **Brasil, México, África do Sul, Índia e China: Diálogo entre os que vieram depois**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

TSENG, Wanda; *et al.* **Economic Reform in China: A New Phase**. IMF Occasional Paper 114, Novembro 1994.

CROSSETTI, Pedro de Almeida; FERNANDES, Patrícia Dias. **Para onde vai a China? O impacto do crescimento chinês na siderurgia brasileira**. BNDES, 2005.

ABREU, Marcelo de Paiva. **China's emergence in the global economy and Brazil**. PUC-Rio, Texto para Discussão No. 491, 2005.

HU, Zuli; KHAN, Mohsin S. **Why is China Growing so Fast?** IMF, Economic Issues 8, Abril 1997.

IANCHOVICHINA, Elena; MARTIN, Will. **Trade Liberalization in China's Accession to the World Trade Organization**. World Bank.

Características e possibilidades de incremento do comércio bilateral Brasil-China. CNI, 2004.

China: Intercâmbio comercial, tarifas aduaneiras, barreiras em bens e serviços e compromissos na acesso à OMC. Secretaria de Comércio Exterior, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Fevereiro de 2002.

WILSON, Dominic; PURUSHOTHAMAN, Roopa. **Dreaming with BRICs: The Path to 2050**. Goldman Sachs, Global Economics Paper No. 99, 2003.

PEREIRA, Lia Valls; FERRAZ FILHO, Galeno Tinoco. **O acesso da China à OMC: Implicações para os interesses brasileiros**. Funcex, Texto para Discussão No. 163, 2005.

PEREIRA, Lia Valls. **Relações comerciais Brasil-China: um parceiro especial?** Cadernos Adenauer VII, nº1, 2006.

DE OLIVEIRA, Henrique Altemani. **Brasil-China: Uma relação sul-sul**. Cadernos Adenauer VII, nº1, 2006.

YANG, Yongzheng. **China's Integration in the World Economy: Implications for Developing Countries**. IMF, Working Paper 03/245, 2003.

RIBEIRO, Fernando; POURCHET, Henry. **O perfil do comércio Brasil-China**. RBCE, N°79.

CERRA, Valerie; DAYAL-GULATI, Anuradha. **China's Trade Flows: Changing Price Sensitivities and the Reform Process**. IMF, Working Paper N°99/1.

MOREIRA, Maurício Mesquita. **Fear of China: Is there a future for manufacturing in Latin América?** IDB, 2004.

PUGA, Fernando Pimentel; et al. **O Comercio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento**. BNDES, Texto para Discussão No. 104, 2004.

PUGA, Fernando Pimentel. **A inserção do Brasil no comércio mundial: O efeito China e potenciais de especialização das exportações**. BNDES, Texto para Discussão No. 106, 2005.

Brasil, Marca de Excelência- **Brasil e China: A parceria de dois gigantes**. Ministério das Relações Exteriores.

Brasil, Marca de Excelência- **Brasil -China: Uma aliança estratégica de longo alcance**. Ministério das Relações Exteriores.

TANG, Charles A. **Brasil e China: Uma parceria estratégica e comercial**. Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China.

MORRISON, Wayne M. **China's Economic Conditions**. CRS Issue Brief for Congress, 2005.

Jornais e revistas: “O Globo”, “Valor Econômico”, “Revista Brasileira de Comércio Exterior” e “The Economist”.

Internet:

Site da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico: <http://www.cbcde.org.br/>

Site da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China: <http://www.ccibc.com.br/>

Site do Consulado da China no Rio de Janeiro: <http://www.consulado-china-rj.org.br>

Site do *United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN Comtrade)*:
<http://unstats.un.org/unsd/comtrade/>

Site do *National Bureau of Statistics of China*: <http://www.stats.gov.cn/english/>

Site do People's Daily Online

Site do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Site da Avicultura Industrial: <http://www.aviculturaindustrial.com.br>